

# A Semana

## Inundações e inundações

A tempestade Harvey deixou pelo menos 39 mortos e 32 mil desabrigados no Texas. Com os furacões Katrina e Sandy, é nos EUA a terceira catástrofe climática em 12 anos que só deveria ocorrer “uma vez a cada cem anos”. É preciso alertar que isso é consequência do aquecimento global, mas ainda mais importante é frisar que os países pobres são cem vezes mais afetados. Não é força de expressão: nos mesmos dias, quase ignoradas pela mídia brasileira e ocidental, monções de pluviosidade inusitada causaram na Índia, Nepal e Bangladesh pelo menos 1,5 mil vítimas fatais e 2,2 milhões de desabrigados. Talvez seja inevitável a CNN dar mais importância a Houston do que a Mumbai, mas a mídia brasileira não tem a mesma desculpa para perder de vista a gravidade muito maior do desastre no Sul da Ásia.



Zucolotto, íntimo, teria tentado arbitrar delações

Pipocas divididas com Bretas, sua versão carioca



## Lava Jato/ Moro e seus amigos

O juiz curitibano não faz mais questão de disfarçar

O jornalismo brasileiro prospera no reino da banalidade e a cobertura da presença do juiz Sérgio Moro na pré-estreia do filme *Polícia Federal – A lei é para todos* confirma essa vocação. Os repórteres, em sua maioria, ativeram-se à polêmica do tapete vermelho. Teria o magistrado, em mais um gesto de incontida vaidade, feito questão de atravessar o saguão e irromper de forma glamourosa na sala de cinema em vez de percorrer o circuito reservado aos demais convidados de honra?

Esqueceram do mais relevante: não seria mais um atestado flagrante de parcialidade a presença entusiasmada de Moro em um filme cujos financiadores são desconhecidos, realizado com claros objetivos eleitorais e que, para atrair e incitar o público, se ancora em uma ilegalidade, o vazamento das conversas telefônicas entre Dilma Rousseff e Lula?

Consta que os cerca de 2 mil convidados da pré-estreia compartilharam sonoras gargalhadas durante as cenas que reproduzem as interceptações não autorizadas. Moro parecia satisfeito com o resultado, ao lado de sua versão carioca, o juiz Marcelo Bretas, com quem dividiu as pipocas. Igualmente no terreno do folclore

tende a se confinar a acusação de que um amigo de Moro cobrava propina para azeitar delações premiadas. Segundo o advogado Rodrigo Tacla Durán, que trabalhou para a Odebrecht de 2011 a 2016, Carlos Zucolotto, o tal amigo, se propôs a negociar de forma paralela sua delação premiada. Em troca da redução da pena e da multa, Zucolotto receberia uma gratificação “por fora”. O dinheiro, garante Durán, seria repartido entre os “facilitadores”.

Zucolotto, advogado trabalhista, dividiu escritório com a mulher de Moro, Rosângela, e, até a acusação de Durán vir a público, representava em uma ação o procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, “estrela” da força-tarefa da Lava Jato.

Em nota, Moro defendeu o amigo e registrou uma incompreensível indignação com uma prática corriqueira da operação sob sua alçada. Não se pode, afirmou, dar crédito ao relato de um “acusado” foragido. Mas não é dessa maneira, com base exclusivamente em declarações sem provas de “acusados”, às vezes reformuladas para se adaptarem às teses do Ministério Público, que o magistrado emite suas sentenças?

Como notou um conhecido advogado, se Moro fosse julgado por Moro...



6.9.17



## Reação/ O sindicalismo nas ruas

A CUT prepara-se para se contrapor à reforma da Previdência

**N**a quinta-feira 31, a Central Única dos Trabalhadores encerrou um congresso extraordinário que reuniu mais de 700 delegados. O objetivo era manter a coesão e revigorar os sindicalistas para enfrentar “golpe atrás de golpe”, conforme definição de Wagner Freitas, presidente da entidade.

Segundo ele, o movimento sindical nunca esteve com tanto “moral” para mobilizar os cidadãos. “Estamos com a faca e o queijo nas mãos para ir às bases e mostrar que tudo aquilo que dizíamos sobre o golpe deixou de ser só opinião de sindicalista. Antes podiam pensar: esses caras só dizem isso pra não perderem os aliados no governo. Agora todos sentem na carne. O que era alerta virou fato.”

A onda de manifestações, protestos, marchas e greves promovidos por movimentos sociais e algumas centrais sindicais nos últimos 18 meses não conquistou, reconhece Freitas, a aderência desejada. A população, avalia, vive um misto de perplexidade e desânimo.

Ele acredita, no entanto, ter chegado o momento de o trabalhador compreender que, se não prestar atenção na política, vai

continuar a ser governado por quem toma decisões contra ele.

Uma das decisões do congresso extraordinário foi lançar um projeto de lei de iniciativa popular para tentar revogar a reforma trabalhista, aprovada a toque de caixa pelo Parlamento e prestes a entrar em vigor (a partir de 11 de novembro).

A coleta de assinaturas terá outro efeito, acredita Freitas: fortalecer os laços entre os sindicatos e suas bases. “O trabalhador precisa entrar em campo, se envolver, pressionar o deputado no qual ele votou.”

O congresso sindical definiu ainda um calendário de atividades para manter as ruas ocupadas. A agenda inclui uma forte participação no tradicional “Grito dos Excluídos” em 7 de setembro. Uma semana depois haverá um dia nacional de lutas. Em 3 de outubro, aniversário da criação da Petrobras, um ato defenderá as empresas públicas ameaçadas de privatização.

Outra iniciativa será a popularização da frase “Se botar para votar, o Brasil vai parar”, tentativa de fazer frente à ameaça de Temer de levar adiante o projeto de reforma da Previdência.

— por Paulo Donizetti, da RBA



### 3 x Jucá

O senador Romero Jucá, o “Caju” da lista da Odebrecht, aquele que defendeu o impeachment de Dilma Rousseff como saída para “estancar a sangria” da Lava Jato, um dos mais breves ministros do governo Temer, foi denunciado na segunda-feira 28 pela Procuradoria-Geral da República por corrupção e lavagem de dinheiro. Foi a terceira denúncia contra o parlamentar em oito dias. Jucá acusa o procurador-geral, Rodrigo Janot, de perseguição. “Não sei se é um fetiche. Diria que ao menos é uma fixação”, afirmou.

